

## GT13: Antropologia Digital: processos, dinâmicas, usos, contra-usos e contenciosos em redes sociotécnicas

Patrícia Pavesi, Carolina Parreiras

A Internet permeia hoje praticamente todas as áreas da vida social, propiciando novos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação. Esses processos trazem mudanças nas preocupações e objetos de estudo da Antropologia em função da emergência de diferentes configurações de experiências e subjetividades, que passam a ser moduladas (e modulam) por tecnologias digitais. Os temas são ampliados e o ente tecnológico, bem como as relações que o permeiam, é utilizado para tentar compreender fenômenos mais amplos da cultura. As abordagens etnográficas têm se mostrado valiosas para dar conta de processos, dinâmicas, usos, hibridismos, agenciamentos e contenciosos em torno das redes sociotécnicas. O GT pretende contribuir para o aprofundamento do debate iniciado em outras oportunidades em torno das abordagens sociotécnicas envolvendo a Internet e suas implicações para a pesquisa etnográfica, acolhendo trabalhos cujas abordagens problematizem (mas não necessariamente estejam restritas a): articulações digitais entre público/privado/intimidade; processos de subjetivação que valorizem agências e modos de "presença" e inscrição online; dilemas éticos; usos das tecnologias digitais em contextos específicos de desigualdade e diferenciação e em torno de discursos e práticas políticas; recursos digitais que alargam os entendimentos sobre os significados da etnografia e a própria etnografia como produto.

### **Redes LGBTQIAP+ e agenciamentos com plataformas digitais sonoras**

**Autoria:** Danillo Roberto Teodozio Costa Pinto

Os sons, como ecossistemas que habitam a vida humana e não-humana, aglomeram práticas culturais carregadas de mensagens e intenções capazes de agir na comunicação, nas emoções, nos comportamentos e nos processos de subjetivação. No cenário contemporâneo, pessoas LGBTQIAP+ de distintas partes do ecossistema global unem-se a tecnologias sonoras e alargam o compartilhamento de vivências e informações num mundo interconectado pela internet. Este trabalho objetiva, por meio de perambulações na plataforma digital do Spotify, seguir agenciamentos de pessoas LGBTQIAP+ do Brasil que compartilham conteúdos na podosfera. Realizei um mapeamento de podcasts a partir do descritor LGBT, que deu vazão a 991 podcasts e dos quais 190 produzidos por pessoas do Brasil foram catalogados. Na intenção de disponibilizar o banco de dados para acesso público na plataforma, criei um perfil de pesquisador e cataloguei os podcasts em seis playlists identificadas a partir dos anos de lançamento: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. Esta decisão reverberou em dilemas metodológicos que cruzaram a pesquisa ao considerar elementos como algoritmos, historicidade do descritor e as características próprias da plataforma, evidenciando diferentes percursos e o sumiço de alguns podcasts catalogados. Nos fluxos dessas redes em que experiências se coadunam e se co-produzem, atenta-se para a heterogeneidade de intenções agenciadas, seja em projetos profissionais, atividades de coletivos, divulgações de pesquisas, ou mesmo no compartilhamento de contos eróticos. No emaranhado de narrativas que reescrevem memórias, assimetrias nas relações de pessoas com as mídias convencionais das décadas de 80 e 90 no Brasil remetem a processos de silenciamentos, violências e imagens estereotipadas da população LGBTQIAP+, bem como a discursos regulatórios da binaridade de gênero, de patologização da homossexualidade, de chacota, erro, naturalização de corpos e vergonha da família. Em contraposição a esses trânsitos que marcaram infâncias e adolescências de pessoas LGBTQIAP+ no Brasil, se observa desde 2016 no Spotify a emergência de outras narrativas. Nesse sentido, o trabalho

demonstra a co-produção de uma rede LGBTQIAP+ que alarga o compartilhamento de vivências narradas e protagonizadas por esses sujeitos.

[Trabalho completo](#)

## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

